O Natal de Luizinho

JOEL DUARTE

O
Natal
de
Luizinho
JOEL DUARTE

O Natal de Luizinho

JOEL DUARTE

O NATAL DE LUIZINHO

Autor
JOEL DUARTE

Diagramação
HENRIQUE G MATOS

Revisão
MARCIA DE PAULA

Rio de Janeiro
Brasil
2017

Joel Duarte

O NATAL DE LUIZINHO

1ªedição

Rio de Janeiro
Joel Alexandre Duarte
2017

Sumário

Medite

"Só duas coisas fizeram Jesus chorar, não, não foi coxinha de carne passada de boteco da esquina ou a Mara Maravilha cantando. Foi a incredulidade de Jerusalém e a perda de um amigo..."

Apresentação

Amigo leitor, você tem em mãos uma surpreendente e sarcástica história de humor que se passa em uma das inúmeras favelas da cidade do Rio de Janeiro. Podemos afirmar, sem faltar com a verdade, um palatável conto de humor negro natalino.

A vida anda muito difícil na comunidade. E Luizinho precisa de uma ferramenta para poder ajudar a família nas despesas da casa. Como é Dezembro, o menor se lembra de que nesta data as pessoas falam de uma figura vestida de vermelho disposta a presentear crianças de bom comportamento.

O Natal de Luizinho reúne Papai Noel, violência urbana, crítica social, humor negro e frustrados sonhos infantis. E, de brinde nos dá uma inspiradora e comovente mensagem cristã para não deixar passar em branco uma das mais importantes datas do ano para os cristãos...

Divirtam-se!

Feliz Natal

Joel Duarte

O Natal de Luizinho

JOEL DUARTE

Papai Noel perdido no Rio

Os tiros que se ouviram não assustaram São Nicolau, pois para ele eram fogos de artifício. Nas vielas da Vila do Pinheiro não havia quase ninguém, com exceção dos mercantilistas e seus alucinados soldados.

Se não fosse a decoração, seria difícil perceber a estação natalina naquele ambiente deteriorado em que se buscava a sobrevivência a qualquer custo, às vezes, da própria vida.

O ancião de barba branca, observando as ruas sujas e casas velhas mal cuidadas, pensou estar na África que ele só conhecia das fotos que via na televisão e internet.

Dois rapazes passaram correndo. Chamou-os, indiferente ao perigo.

— Meninos!

A voz paternal, quase meiga, não foi percebida pelos dois adolescentes. O que lhes chamou a atenção foi a roupa berrante.

— Já é!

— Chegou reforço!

O Velhinho não entendeu.

— Trouxe os ferros?

— Ferros?

— É vovô, a guarnição!

— Eu sou Papai Noel!

O mais novo, um pouco intrigado, ainda cético, olhou a barba, olhou a roupa, olhou o saco! Não, definitivamente ele não era do Comando Vermelho.

Virou para o amigo:

— É Papai Noel, cabeção!

Seu parceiro que parecia ter quinze anos incompletos e não fora educado no racionalismo cartesiano riu, e pouco a pouco foi deixando a emoção falar mais forte... Logo estavam comovidos numa mistura de cocaína, maconha e álcool. Mas mesmo assim não durou muito... A alegria deu lugar à melancolia e a melancolia deu lugar à revolta:

— Por que o Senhor nunca foi me visitar no natal?

— É, nem uma pipa de presente!

Concordou o amigo.

Papai Noel percebendo a mudança de humor nos meninos tentou apaziguar:

— Vocês bebem Coca-Cola?
— O quê?

Nesse instante, apareceram os policias. O delinquente mais revoltado, que pensava acabar com a magia do Natal, foi alvejado no peito e nos ombros, caindo morto. O outro, mesmo armado, não revidou, correu...

Papai Noel, nada bobo escondeu-se atrás do saco.

Ferido no braço e estendido no chão o bom velhinho não teve tempo de se explicar. Foi executado!

Olhando os despojos, os homens da lei eram puro contentamento. Um deles reparou no senhor de vermelho e branco. Parecia com alguém que ele conhecia. Coçou a cabeça... deixa pra lá. O Natal dos barrigudinhos estava garantido.

O policial mais experiente revistou o defunto. Mexeu no bolso, abriu a carteira e, com o documento na mão, falou:

— Caramba! Esse levava o trabalho a sério!

Um pedido peculiar

No dia seguinte ao se dirigir à padaria, Luisinho ficou admirado. Aquele velhinho seminu, ensanguentado sobre uma poça de lama provocada pela chuva que caíra por toda madrugada, era a cara do Papai Noel dos cartazes de propaganda. Curioso, tentou abrir a mão do defunto e, com um pouco de esforço, conseguiu. Apenas um pedaço de papel, mas possuía algo mágico. Era de uma multinacional com filiais em todo mundo.

Leu o que estava escrito: “*Querido Papai Noel, passei de série este ano e sou um filho obediente. Eu estou precisando muito de uma arma, pode até ser usada. Não precisa se preocupar, a arma é para trabalho. Não vou matar ninguém, pretendo fazer alguns assaltos para ajudar nas despesas da casa, pois estamos com muitas dívidas. A vida tem sido bem dura para os pobres aqui no Rio, apesar da ajuda do Governo”.*

Travessa 32, número 23 Vila do Pinheiro, Bonsucesso, Rio de Janeiro, Brasil... “O meu pedido é simples: arma calibre 38, pode ser usada, Papai Noel, é urgente”!

Conhecia aquela letra, conhecia aquele pedido...

Uma enorme tristeza, um vazio consumista foi dominando seu juízo em desenvolvimento, pois a criança desconhecia o verdadeiro significado do Natal, aquele não corrompido pelo Marketing...

Deus preocupado com a humanidade, teve uma ideia, e numa paupérrima manjedoura, sem cobertura de nenhuma rede de TV, nascia o menino Jesus. Os anjos felizes cantaram: Paz na terra aos homens de boa vontade. Os pastores extasiados com aquele espetáculo mavioso puderam testemunhar o milagre da encarnação.

Teologicamente imensurável!

Deus feito homem!

E ali naquela noite inesquecível, a esperança renascia para resgatar o velho Adão, triste, solitário, de uma vida sem sentido, feito brinquedo quebrado cujo dono não conserta nem joga fora...

Natal é esperança, é recomeço, é perdão e filantropia. Assim como nas

crianças conseguimos vislumbrar como o homem seria antes da maldade, no Natal podemos ver em parte como a sociedade seria se não houvesse o egoísmo e a ganância...

O triste Éden perdido parece querer se redimir nessa época.

Nada disso, porém, passava na cabeça de Luisinho. Ele vivia a quilômetros de distância de qualquer tipo de publicidade religiosa cristã. Jesus Cristo para ele nem existia. Era uma figura distante, mais distante do que o ensino fundamental completo.

Depois da roupa nova o que importava era o presente... Depois do presente a comida e era sempre nessa ordem que caminhavam suas necessidades.

Os sonhos devem ser protegidos

Aflito, a criança voltou para casa correndo, sem se preocupar com o chão molhado e escorregadio. Percorreu as ruas lamacentas do bairro como se fosse o corredor grego Fidípedes.

Sua progenitora, ainda sob os efeitos da ressaca matinal, ouvia um pagode velho de pouca inspiração poética, mas de muito ritmo dançante.

Ela nem notou que o menino não trouxera o pão.

Luisinho encarou-a gravemente:

— Mãe, não precisa mentir pra mim, Papai Noel existe?

Sua voz era uma súplica.

Sem titubear, sem tergiversar e sem pedagogia, a senhora que beirava os quarenta anos não teve receio de destruir fantasias infantis:

— Não filho, não existe não filho!

A criança sorriu aliviada. Bailou com a música que tocava no rádio. Rasgou o papel, foi até a mesa, e comeu a última rabanada presenteada pela vizinha.

Sorriu alto!

Como era bom saber que Papai Noel não havia morrido!

Feliz Natal!

Sobre o autor

Joel Duarte é Escritor, roteirista de HQ e desenhista

O conto "***O Natal de Luizinho***" faz parte do livro "**Avulsos** - *Contos, Crônicas e Outras coisas da portaria*

Conheça a obra completa:
https://www.amazon.com.br/dp/B075MXG77B

O
Natal
de
Luizinho
JOEL DUARTE